



Rua do Rosário, 99/7º andar  
Centro - CEP 20041-004  
Rio de Janeiro - RJ - Brasil  
Tel/fax: 55 21 3221-7500  
www.tnpetroleo.com.br  
tnpetroleo@tnpetroleo.com.br

**DIRETOR EXECUTIVO**

Benício Biz  
beniciobiz@tnpetroleo.com.br

**DIRETORA DE NOVOS NEGÓCIOS**

Lia Medeiros (21 9781-3110)  
liamedeiros@tnpetroleo.com.br

**EDITORA**

Beatriz Cardoso (21 9617-2360)  
beatrizcardoso@tnpetroleo.com.br

**EDITOR DE ARTE, CULTURA E VARIEDADES**

Orlando Santos (21 9491-5468)

**REPÓRTERES**

Cassiano Viana (21 9187-7801)  
cassiano@tnpetroleo.com.br

Maria Fernanda Romero (21 9161-8744)  
fernanda@tnpetroleo.com.br

**ESTAGIÁRIO**

Rodrigo Miguez (21 9389-9059)  
rodrigo@tnpetroleo.com.br

**RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Luiz Felipe Pinaud (21 9841-9638)  
lfelipe@tnpetroleo.com.br

**DESIGN GRÁFICO**

Benício Biz (21 3221-7500)  
beniciobiz@tnpetroleo.com.br

**PRODUÇÃO GRÁFICA E WEBMASTER**

Laércio Lourenço (21 3221-7506)  
webmaster-tn@tnpetroleo.com.br  
Marcos Salvador (21 3221-7510)  
marcoosalvador@tnpetroleo.com.br

**REVISÃO**

Sonia Cardoso (21 3502-5659)

**DEPARTAMENTO COMERCIAL**

José Arteiro (21 9163-4344)  
josearteiro@tnpetroleo.com.br  
Cristina Pavan (21 9408-4897)  
cristinapavan@tnpetroleo.com.br  
Leandro de Jesus (21 7861-3661)  
leandro@tnpetroleo.com.br

**ASSINATURAS**

David Lourenço (21 3221-7505)  
david@tnpetroleo.com.br

**CTP e IMPRESSÃO**

Walprint Gráfica

**DISTRIBUIÇÃO**

Benício Biz Editores Associados

Os artigos assinados são de total responsabilidade dos autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores.

TN Petróleo é dirigida a empresários, executivos, engenheiros, geólogos, técnicos, pesquisadores, fornecedores e compradores do setor de petróleo.

**ENVIO DE RELEASES**

Sugestões de temas ou envio de matérias devem ser feitos via fax: 55 21 3221-7511 ou pelo e-mail tnpetroleo@tnpetroleo.com.br

Filiada à



# O risco necessário

A exploração de petróleo e gás natural é a atividade de maior risco de toda a cadeia produtiva deste setor. Quem trabalha nisso sabe que o risco faz parte do negócio. E ele não fica menor após o início da etapa mais importante, que é a produção. Só que, nesta etapa, o reservatório está sendo monetizado e, portanto, gerando recursos para a petroleira que investiu milhões – e até bilhões – no processo exploratório.

É o que vem mostrando os fatos

recentes. O primeiro foi a parada do Teste de Longa Duração de Tupi, que antecipa a produção no intuito de gerar subsídios essenciais para a Petrobras e parceiras

conhecerem um pouco mais este tipo de formação – a de rochas carbonáticas. A Petrobras alegou problemas com os parafusos de fixação da árvore-dental molhada, que fica sobre a cabeça do poço – incidente que pode ocorrer em atividades *offshore*, principalmente em profundidades em torno de 3.000 metros. A parada é um risco (em termos de custo e atraso do projeto) necessário frente a outros riscos maiores, que poderiam ocorrer se a Petrobras não paralisasse tudo. Em novas fronteiras, toda precaução é pouca. Segurança deve vir em primeiro lugar, como gosta de alardear a Petrobras.

Logo depois, foi confirmada a ocorrência de um poço seco perfurado no pré-sal da Bacia de Santos, no BM-S-22, na área de Guarani, no que hoje chamam de 'complexo de Tupi'. O bloco, operado pela Exxon (40%) em parceria com a Hess (40%) e a Petrobras (20%), amargou o único resultado negativo nos 16 poços perfurados até agora naquela região. Isso já era mais do que esperado: ninguém acreditava que seria possível manter um índice de 100% de sucesso em uma atividade na qual a média mundial é de 40%. Ou seja: os riscos fazem parte deste negócio.

Mais complicado é quando este risco está mais além das operações de E&P propriamente ditas. Pior ainda: quando se originam de marcos regulatórios indefinidos ou mudanças

na legislação. Com um ano de atraso, a comissão interministerial começa a decidir, aos trancos e barrancos, a forma como será explorada a riqueza do pré-sal: uma nova estatal, a ser gerida financeiramente pelo Ministério do Planejamento, e o regime de partilha deverão 'conviver' com as regras atuais de concessão, que valerá para tudo o que não for pré-sal.

A mudança nas regras do jogo deixa de sobreaviso os investidores internacionais, que veem o país como uma província petrolífera emergente, que demandará grandes recursos. Estima-se em mais de US\$ 5 bilhões, até 2011, os investimentos necessários para que a indústria de bens e serviços tenha condições de atender às demandas do setor – principalmente para garantir o retorno dos US\$ 174 bilhões que a Petrobras está investindo até 2013.

O interesse da indústria mundial na exploração do pré-sal brasileiro ficou mais do que claro na Brasil Offshore, a maior de todos os tempos, como o leitor vai conferir em nossa reportagem de cobertura – estivemos presentes no evento desde sua criação. A feira, com número recorde de empresas internacionais, contou ainda com a marca da Offshore Technology Conference (OTC), avalizando uma conferência que girou em torno do pré-sal e na qual 60% do público eram de estrangeiros.

A perspectiva é que isso se repita na Rio Pipeline, que vai reunir, além das companhias petrolíferas, os principais agentes da área de engenharia de dutos e atividades afins. Afinal, é preciso disponibilizar a mais alta tecnologia do mundo para transportar o petróleo e gás que vai ser extraído do pré-sal e de outros campos com grandes reservatórios de gás já confirmados, como Mexilhão. O que implica em grandes recursos, novos investidores e mais empresas disputando espaço neste mercado em expansão, com todos os riscos que ele representa. Afinal, como diz o ditado popular: quem não arrisca não petisca!

**Benício Biz**  
Diretor executivo da TN Petróleo